

A TRAJETÓRIA DE (SOBRE)VIVÊNCIA DA PERSONAGEM NATALINA NO CONTO QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE? DO LIVRO *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

THE SURVIVAL PATH OF NATALIN, CHARACTER OF THE SHORT STORY
QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE? FROM THE BOOK *OLHOS D'ÁGUA* OF
CONCEIÇÃO EVARISTO

Larissa Milanezi Fabríz Caprara¹

Danielle Silva Apolinario²

RESUMO: O presente artigo analisa a trajetória de (sobre)vivência da personagem Natalina no conto *Quantos filhos Natalina teve?*, compilado no livro *Olhos d'água* da escritora brasileira Conceição Evaristo e busca, por meio das turbulentas gestações, apontar elementos de resistência dessa mulher negra e pobre. Usufruindo, para tanto, de uma perspectiva teórica que reflete a respeito do feminismo negro, do feminismo decolonial. Apreciadora das memórias, Evaristo desfruta delas para produzir as suas “escrevivências” e institui um verossímil lugar de fala às suas personagens: mulheres negras, subalternizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; *Olhos d'água*; feminismo negro; feminismo decolonial; subalternidade feminina.

ABSTRACT: This paper aims to underscore the path of the character Natalina from the short story *Quantos filhos Natalina teve?*, who survived turbulent pregnancies. Through this narrative, compiled in the book *Olhos d'água*, written by Conceição Evaristo, the author highlights elements of resistance of the black poor woman. Using a theoretical perspective that includes and ponders about the black feminism, from the decolonial feminism. Evaristo is an admirer of the memory and explores them in hers *escrevivências*, a word the author uses to characterize the writing about her perceptions, as well as other women. That's the approach

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1334-8834>. E-mail: lmfabriz@gmail.com.

² Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9035-2162>. E-mail: daniapolinario@hotmail.com.

the writer selected to give voice for those who were historically excluded: black people, poor people and women.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; *Olhos d'água*; black feminism; decolonial feminism; female subordination.

1 INTRODUÇÃO

A concepção euro-usa-cêntrica de feminismo, proposta por Lerma (2010), parte de um suposto eminentemente colonialista ao refletir sobre uma visão oriunda da mulher branca e urbana não aplicável à realidade das sociedades periféricas. Sendo assim, o estudo de narrativas próprias dessas sociedades permite a construção de *topoi* emancipatórios mais condizentes com as lutas, os anseios e as necessidades dessas mulheres postas à margem. Nesse contexto, os contos de Conceição Evaristo tanto sob o ponto de vista histórico quanto sob a ótica do discurso étnico e de gênero oferecem importantes elementos para delinear propostas emancipatórias, hoje, tão discutidas, mas que têm nascedouro em um contexto de resistência decolonial.

Pensamos dessa maneira, pois Conceição Evaristo trabalha com temas e termos cujas ressonâncias afetam nossa sociedade inteira, em função dos quais toda a direção da luta social e do movimento político e feminista se modificaram na história de nosso próprio tempo: aborto, submissão da mulher, violência contra a mulher, preconceito contra a mulher negra e pobreza ainda ligada, majoritariamente, aos setores negros da população.

O movimento feminista, por pertencer também à luta das chamadas minorias, aliou-se aos outros movimentos de libertação denunciando as diversas formas opressoras em busca de superar desigualdades sociais. Não estão esses movimentos, portanto, desvinculados entre si, visto que partilhavam da perspectiva de uma sociedade renovada. Daí a importância de Evaristo elaborando novas formas de ver e pensar as problemáticas relativas ao povo negro subalternizado e, mais de perto, a mulher negra.

Inspiradas nas discussões de Alves e Pitanguy (2007), pensamos o feminismo como “[...] auto-organização de mulheres em suas múltiplas frentes [...]” (ALVES e PITANGUY, 2007, p. 9) por compreendermos, como essas autoras, tal movimento revelado em diversos âmbitos sociais nos quais as mulheres reinventam seus relacionamentos para exigirem a valorização do que pertence ao feminino e o respeito às diferenças entre as várias formas de ser mulher. Assim também interpretamos ser a maneira de Evaristo produzir suas “escrevivências”, pois essa autora, em sua forma particular de manipular a linguagem, trabalha as diversidades da mulher no âmbito público ou privado.

Ao elegermos para análise uma das quinze histórias compiladas no livro *Olhos d'água*, privilegiamos o resgate da memória como ferramenta emancipatória, de revolução e recriação do ser mulher e negra. Cada uma dessas mulheres-memória de Conceição Evaristo traz em si um bocado do feminismo negro decolonial a partir de suas experiências. Uma a uma a narrativa dá a elas o empoderamento capaz de nos fazer confundir realidade e ficção, além de propor uma identidade fora dos arquétipos típicos dados a outras personagens negras da literatura brasileira ao longo dos tempos. Por meio das reminiscências, as narrativas de Evaristo moldam personagens que vivenciam a experiência da feminilidade, da maternidade, da violência contra seus corpos e de outros conflitos constituídos em situações ligadas ao preconceito, à pobreza e ao fato de ser mulher e negra na contemporaneidade.

Conceição Evaristo escreve memórias, ela resgata o passado para evitar nos esquecermos dele, porém “não se trata de lembrar o passado, de torná-lo presente na memória, para permanecer no registro da queixa, da acusação, da recriminação” (GAGNEBIN, 2006, p. 102), mas lembrá-lo para servir como objeto de análise, elucidar melhor o presente, além de ser possível até traçar e inspirar estratégias emancipatórias para o futuro.

Evaristo também fornece para as suas personagens a possibilidade de experimentar a vida por meio de uma narrativa de resistência no seu fazer poético. Uma “[...] literatura, como ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente.” (BOSI, 2002, p. 135) e Evaristo, com suas mulheres-memória, fornece aos leitores e às leitoras condições de usarem a literatura numa tentativa de refletir sobre o feminismo negro, sobre o processo decolonial de produção teórica, principalmente, porque a teoria crítica feminista de postura colonizadora, dominadora, promovida por mulheres intelectuais, brancas, com privilégio de classe, de países desenvolvidos se faz inverossímil para outras mulheres à parte desse modelo.

A nossa proposta para o presente artigo, portanto, é analisar a trajetória de (sobre)vivência da personagem Natalina no conto *Quantos filhos Natalina teve?*, compilado no livro *Olhos d’água*, da escritora brasileira Conceição Evaristo. Somado a isso, apontamos, por meio das turbulentas gestações, elementos de resistência dessa mulher negra e pobre frente às adversidades vividas. Para tanto, usufruímos de uma perspectiva teórica pautada em reflexões a respeito do feminismo negro, do feminismo decolonial.

2 OUTRAS VOZES

Validar apenas a teoria produzida por feministas intelectuais, brancas, pertencentes ao círculo dos países desenvolvidos demarca as relações de poder de um grupo privilegiado de mulheres e mantém a colonialidade excludente das outras mulheres não contempladas por essas teorias e, nesse caso, estas precisam criar suas próprias ferramentas para suprir as reais necessidades desses diferentes feminismos.

Dada a insuficiência teórica para sanar as exigências dos grupos subalternizados, movimentos feministas interessados na mudança dessa

condição começaram a produzir mecanismos próprios e abrangentes. Porém, não antes de compreenderem a dominação existente naquele discurso hegemônico, colonial para a partir daí agirem em causa própria.

Essa produção intelectual decolonial se cerca cada vez mais de investigadores pertencentes aos grupos subalternizados ou interessados em desenvolver pesquisas com a finalidade de priorizar “[...] a parceria ‘com’ os movimentos sociais e extrapolam a tendência ainda hegemônica no campo das ciências humanas e sociais de produzir conhecimento ‘sobre’ os movimentos e os sujeitos” (GOMES, 2010, p. 494), além de ganhar força a partir da participação de intelectuais negros questionadores de seus lugares de fala no processo de produção de teoria crítica no âmbito acadêmico. Visto que, embora o Brasil seja um país com tamanha diversidade, ainda presenciamos o racismo e a desigualdade racial como um sinal da necessidade de avançarmos nesses debates.

A produção de conhecimento acadêmico da perspectiva decolonial valoriza as próprias experiências desses pesquisadores dentro e fora da academia. Construir um lugar de fala para a discussão de outros feminismos, do feminismo negro, do feminismo decolonial, não significa ignorar ou desmerecer os estudos feministas hegemônicos. Em Martín (2013), por exemplo, interpretamos ser preciso reconhecer a importância dessas teorias, contudo, sem desconsiderar a carência de outras propostas de análises mais específicas de feminismos decoloniais. Vejamos a importância da discussão também neste registro de Sueli Carneiro (2011):

As mulheres negras assistiram, em diferentes momentos de sua militância, à temática específica da mulher negra ser secundarizada na suposta universalidade de gênero. Essa temática da mulher negra invariavelmente era tratada como subitem da questão geral da mulher, mesmo em um país em que as afrodescendentes compõem aproximadamente metade da população feminina. Ou seja, o movimento feminista brasileiro se

recusava a reconhecer que há uma dimensão racial na temática de gênero que estabelece privilégios e desvantagens entre as mulheres (CARNEIRO, 2011, p. 121).

Outras vozes, portanto, são escutadas hodiernamente. Elas fomentam discussões sobre a defesa do lugar de fala do sujeito subalternizado, produzem suas próprias teorias e críticas a partir de seus interesses em relação às questões de raça, gênero, etnia. É possível ouvir mais as vozes da diversidade a falarem por si, para si, de si, para os seus e para os outros ouvirem. Além de construírem conteúdos sólidos e capazes de romper com reflexões puramente coloniais, a exemplo de ponderações como as feitas por Sojourner Truth, em 1851, na ocasião de seu discurso de manifestação proferido na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos.

3 UM OLHAR PARA O PASSADO

Ao mencionarmos a necessidade da ruptura com o colonialismo, pensamos em uma perspectiva semelhante às discussões a respeito da cena cultural contemporânea propostas por Stuart Hall (2003): como a gente sobreviveu à experiência de dependência colonial e de cor e de como isso pode nos destruir subjetivamente. Acreditamos que essa colonização permanece na mente das pessoas e textos como os de Conceição Evaristo contribuem para o rompimento de crenças estabelecidas desde o século XVI e recicladas nos discursos públicos contemporâneos.

As maneiras racistas de se pensar (e agir) são uma herança do século XV, momento em que ocorre o encontro entre portugueses, americanos e africanos e dessa conexão decorre a atual dificuldade em corrigir esses excessos, explicada em grande parte pela interiorização, pela ancoragem dessas práticas nas mentalidades e na sensibilidade das pessoas há pelo menos cinco séculos.

Quais crenças seriam essas? A do papel de inferioridade do negro, a da mulher como aquela sem empoderamento e obrigada a subserviência ao patriarca e às múltiplas formas de violência supostamente legitimadas no discurso de que a mulher não é dona do próprio corpo. Ou seja, é um discurso que destina os lugares de negro e de mulher às pessoas, como lugares fixos, nos quais se espera determinados padrões de comportamento.

Nossa relação com a história está marcada por rupturas resultantes da conquista, da expropriação, do genocídio, da escravidão e do sistema de engenho. Evidentemente, a situação de diáspora não foi exclusiva do momento em que os europeus cruzaram o Oceano Atlântico com embarcações superlotadas de negros africanos escravizados, mas ainda persiste na pobreza, no subdesenvolvimento e na falta de oportunidades herdadas desse contexto de dominação.

A diáspora persiste em nosso mundo. As identidades se tornam múltiplas, no sentido de que há uma tentativa de identificação associativa com as culturas de origem, mas essas não são as únicas fontes de identificação disponíveis, visto que a própria identidade negra é atravessada por outras identidades como a de gênero e a de orientação sexual. Tais elementos surgem nas narrativas de Conceição Evaristo.

A respeito da escravidão, Schwartz (2018) assenta que foi um sistema enraizado com o exercício da violência. Isso porque a atividade produtiva, nas grandes unidades produtoras, era um ato de violência por si só, visto que o trabalho era repetitivo e cansativo. Além disso, o trabalho compulsório impunha a introjeção da autoridade do senhor e uma sensação de medo alimentada pelo castigo disciplinar aplicado até coletivamente: era comum o uso de punições públicas, tronco, açoite, ganchos e pegas no pescoço, para evitar a fuga nas matas, e as máscaras de flandres usadas para impedir o escravo de comer terra e provocar um lento suicídio. A autora destaca que

A escravidão se enraizou de tal forma no Brasil, que costumes e palavras ficaram por ela marcados. Se a casa-grande delimitava a fronteira entre a área social e a de serviços, a mesma arquitetura simbólica permaneceria presente nas casas e edifícios, onde, até os dias que correm, elevador de serviço não é só para carga, mas também, e sobretudo, para os empregados que guardam a marca do passado africano na cor. [...] padecer com a arbitrariedade e o abuso dos senhores era moeda corrente, e mulheres escravizadas não poucas vezes foram vítimas do sadismo deles. Seu corpo não era apropriado apenas como produtor de riqueza, mas também como instrumento de prazer, gozo e culpa no caso dos proprietários, e de ódio, por conta dos ciúmes das senhoras (SCHWARCZ, 2018, p. 92-93).

Apesar de sabermos da existência de gradações em relação às formas de violência e de resistência, podemos afirmar que essa maneira de se proceder em relação aos negros, em particular às mulheres negras, portadoras dessa dupla identidade de exclusão, ainda persiste e é muito bem representada na narrativa de Conceição Evaristo.

Trata-se de uma perspectiva na qual a mulher não é dona de seu próprio corpo, nos remetendo às descrições de Gilberto Freyre ao narrar a respeito dos usos que eram reconhecidos como comuns do corpo do escravo, compreendido como uma propriedade. Para além da violência sexual, havia a direção do ódio das sinhás, segundo relatou o intelectual

Quanto à maior crueldade das senhoras que dos senhores no tratamento dos escravos é fato geralmente observado nas sociedades escravocratas. Confirmam-no os nossos cronistas. Os viajantes, o folclore, a tradição oral. Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhá moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam salto de botina nas dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiadas. O motivo, quase

sempre, o ciúme do marido. O rancor sexual. A rivalidade de mulher com mulher (FREYRE, 2006, p. 524).

Esses registros corroboram com a argumentação da força patriarcal herdada da colonização brasileira. Nessa estrutura na qual homens oprimem mulheres, elas são levadas de maneira subjacente a se tornarem rivais. Esse jogo do patriarcado estimula competições supostamente veladas e visa a satisfazer aos homens. Naquele contexto colonial escravista, as relações de poder colocavam a mulher negra escravizada em uma concorrência injusta: de um lado a degradação dos estupros e assédios cometidos pelos senhores escravocratas e de outro a impotência perante a esse antagonismo encorajado para manter subjugadas todas.

A respeito da criação das meninas brancas, filhas dos senhores de engenho, Freyre (2006) escreveu que a elas negou-se tudo parecido com independência. “As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos” (FREYRE, 2006, p. 510).

Terminada essa breve incursão histórica que tenta dar pistas sobre as origens do modo de se comportar em relação à mulher e ao negro – marcada pela violência e pela submissão nas mais diversas combinações de intensidade – seguimos para a análise do conto.

Não acreditamos que os contos de Evaristo buscam o retorno de um passado puro e romantizado do significado de ser negro, dada a impossibilidade de regresso a essa unidade, mas consideramos a existência de uma construção do significado de ser mulher negra nos contos que ela nos dá a ler e quais são os horizontes de possibilidades para esses indivíduos. No caso, ao tratar da mulher, percebemos o rompimento com a ideia de uma identidade feminina atrelada à de maternidade e à de formação de família (com pai homem, mãe mulher e filhos) como situação *sine qua non* para a felicidade.

4 AFINAL, QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?

As mulheres-memória de Conceição Evaristo vêm ao longo de sua obra entrançar realidade e ficção nas histórias rememoradas pelas narrativas dessa autora. A decolonialidade na construção desses enredos se apresenta na ruptura com arquétipos atribuídos à mulher negra brasileira comuns na nossa literatura de outros tempos.

Narrado em terceira pessoa, o conto *Quantos filhos Natalina teve?* do livro *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2016), mostra verossimilhança na construção de seu enredo. Por meio de linguagem fluida, a ficção de Evaristo se relaciona com o cotidiano de brasileiras pobres e sabemos, majoritariamente, negras. Temas como gravidez na adolescência, abandono e estupro percorrem detalhadamente a narrativa e nos deixam penetrar nos sentimentos da protagonista: paixões, perdas, alegrias, tristezas e realizações estão postas ali numa representação da realidade.

A personagem de nossa análise é Natalina, uma mulher cujo nascimento vem no significado do próprio nome. Ela passa por quatro gestações e apenas a última lhe traz o prazer e o desejo da maternidade. O fato de ela mesma, sozinha, decidir não ser mãe nas suas três primeiras gestações nos leva a questionar a sociedade patriarcal e a maternidade (im)posta como inerente à natureza feminina.

Nossa hipótese é a de que Natalina desenvolve autonomia a partir das diferentes experiências gestacionais pelas quais passou. À medida que a menina cresce e se torna adulta, suas solitárias decisões trafegam pela imaturidade da adolescência, pelo não pertencimento ao outro e aos padrões sociais, pela violência de seu corpo. Ela se encontra envolvida em sentimentos e significados diferentes de ser ou não mãe.

O enredo reforça a precariedade do debate sobre a reprodutividade feminina no Brasil, porque “num país machista que impõe a maternidade como destino às mulheres [...]. O aborto é criminalizado, o Estado não permite que mulheres tenham autonomia sobre seus corpos. Porém, é [...] sabido que muitas mulheres abortam.” (RIBEIRO, 2018, p. 86). Na ficção de Evaristo, a menina Natalina, por exemplo, conhecia os efeitos dos chás abortivos, pois viu a mãe, por vezes, fazer uso desse recurso em confiança com amigas da vizinhança.

No cotidiano da mulher brasileira, embora a interrupção voluntária de uma gravidez seja fato comum é, ainda, uma prática clandestina. Nessa condição, mulheres com privilégio de classe recorrem aos meios menos invasivos para executar tal procedimento, porém para as mulheres pobres, devido aos poucos recursos disponíveis para a realizar um aborto, esse mecanismo pode significar uma sentença de morte.

Ao falar sobre a luta do movimento feminista pela sexualidade nos Estados Unidos no século passado, quando a revolução sexual estava no auge, bell hooks (2019) rememora: “as mulheres do fim dos anos 1960 e início dos 1970 que clamavam por aborto tinham visto as tragédias de abortos ilegais e a miséria de casamentos forçados como consequência de uma gravidez indesejada. (HOOKS, 2019, p. 50). Por conseguinte, para o movimento feminista era incontestável a liberação sexual autêntica sem métodos anticoncepcionais eficazes e a discriminação do aborto.

Naquele contexto social, “o movimento feminista criou a revolução cultural que fez com que o uso de anticoncepcionais relativamente seguros fosse aceitável e o direito de fazer aborto seguro e legal fosse possível.” (HOOKS, 2019, p. 53). Num contexto atual brasileiro diferente no que diz respeito à segurança e à legalidade do aborto, a narrativa de Evaristo reforça sua verossimilhança. A menina Natalina, como diversas brasileiras, recorreu ao procedimento furtivo por entender o significado de uma criança a mais em sua

família. Ela mesma “preparou os chás e tomou durante vários dias. [...] Uma coisa estava lá dentro da barriga dela e ia crescer, crescer até um dia arrebentar no mundo. Não, ela não queria, precisava se livrar daquilo.” (EVARISTO, 2016, p. 44). No entanto, diante do insucesso daquele método, a forma mais eficaz para colocar fim àquela gestação indesejada era buscar o auxílio da parteira Sá Praxedes.

Essa sugestão da mãe significava uma conduta reprovada pela menina, porque tinha muito medo da velha devido aos boatos sobre a mulher comer meninos. Como não pretendia correr o risco de ter a criança devorada por Sá Praxedes, a adolescente resolve fugir. Estar longe da família e desamparada foi sua escolha naquele momento, pois “a mãe devia estar mesmo com muita mágoa dela. Estava querendo levá-la a Sá Praxedes.” (EVARISTO, 2016, p. 45). A fuga da garota representa a ingenuidade em meio ao medo vivenciado. Uma atitude desesperada de Natalina ao se aventurar mundo afora.

Natalina quis o aborto. A menina tentou procedimentos menos invasivos com os conhecidos chás, mas rejeitava a ida à parteira, porque conhecia as histórias sobre o ofício, em parte proibido, daquela mulher. Mais uma vez o enredo de Evaristo reforça o entrelace entre ficção e realidade, pois no Brasil “mulheres de classe privilegiada pagam por procedimentos seguros, enquanto as pobres, em sua maioria negras, ou ficam com danos graves à saúde e morrem ou são vítimas de desespero.” (RIBEIRO, 2018, p. 86). A personagem de Evaristo desejava interromper a gestação, entretanto sentiu-se impedida devido à condição precária e insegura a qual precisaria se sujeitar.

No primeiro parto, a menina doa o filho para uma enfermeira. Ela dá à luz, oferece a criança para outra mulher e sente-se aliviada ao sair do hospital. A ficção de Evaristo de novo nos arrasta a memória para casos semelhantes em nossa sociedade. Cenas narradas pela imprensa brasileira, vez ou outra, dão conta do abandono de neonatos. A exemplo, citamos “a notícia de que uma

mulher abandonou um recém-nascido no bairro de Higienópolis, em São Paulo, ganhou repercussão. [...] No dia 7 de outubro de 2015 ela foi identificada e presa [...]” (RIBEIRO, 2018, p. 85).

Segundo Djamila Ribeiro (2018), a respeito desse episódio, aquela mulher sofreu insultos diversos pelas redes sociais. O que já era esperado em uma situação dessas numa sociedade machista como a nossa. Porém, para além do senso comum desses ultrajes, a filósofa nos convida a refletir sobre a vida pregressa daquela mulher identificada apenas como uma empregada doméstica. Amedrontada com a possível perda do emprego, pois já tinha uma filha de três anos, pariu sozinha a outra criança em seu quarto na casa dos patrões. Para Djamila “as pessoas que julgam e apedrejam essa mulher nem sequer se questionam sobre a violência à qual foi submetida.” (RIBEIRO, 2018, p. 86).

Na segunda gestação, Natalina contraria as expectativas do seu amado, Tonho, pois “ela não queria ficar com ninguém, não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele” (EVARISTO, 2016, p. 46). Essa atitude causou estranhamento no homem. Ele não compreendia como uma mulher era capaz de recusar tal proposta de casar-se, criar filhos, formar uma família como as narrativas de contos de fadas tradicionais insistem em declarar como percurso adequado para a vida de todas as mulheres.

Essas duas trajetórias gestacionais, embora em condições distintas de relacionamentos, foram recusadas por Natalina. A protagonista concede a si o direito de não ser mãe, a despeito de gestar e parir os bebês. Apesar de gostar e de se sentir bem na companhia daqueles homens, ela rompe com padrões sociais bastante convencionais a respeito da suposta natureza feminina de ser mulher e mãe.

No primeiro caso, sem querer sequer saber a vontade do namorado, a menina abandona sua família, vai para longe de casa parir a criança e a entrega aos cuidados de outra mulher. No segundo, embora goste de estar com aquele homem, Natalina o entrega a criança e recusa-se a instituir uma família como ele lhe havia proposto. De acordo com Djamila Ribeiro (2018): “desde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães. Divulgam uma ideia romântica de maternidade e a enfiam goela abaixo, naturalizando esse lugar.” (RIBEIRO, 2018, p. 87), mas a protagonista de Evaristo contraria a ideia de maternidade como destino único imposto às mulheres.

No curso da vida da protagonista o enredo revela: “a terceira gravidez, ela também não queria. Quem quis foi o casal para quem [...] trabalhava.” (EVARISTO, 2016, p. 46), pois a mulher desejava muito um filho, mas sem êxito encontrava-se desesperada e envergonhada, por isso marido e mulher sugerem para Natalina conceber um filho ao casal. Traduzida em nossa análise, essa proposta feita pelos patrões caracteriza assédio à empregada. O corpo de Natalina ficaria à disposição para suprir os prazeres do casal numa relação que remete aos estupros praticados pelos donos de meninas e mulheres negras escravizadas ao longo de três séculos no Brasil.

Mesmo sem compreender o desespero e a vergonha da patroa por não poder gerar filho, Natalina concorda em se deitar “com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar [...]” (EVARISTO, 2016, p. 47) e assim o fez. Contudo, ao final de uma gestação longa, pesarosa, repleta de náuseas, ânsias de vômitos e vergonha, Natalina concebeu a criança que faria feliz o casal, entretanto ela mesma não nutria nenhum sinal de afetividade pelo recém-nascido.

A despeito de a opressão sentida durante a gestação ter sido deixada para trás, nos braços do casal de patrões, esse terceiro momento compreendemos trata-se de um contexto de relação trabalhista. Ao ser

assedida, Natalina sente-se no dever de restituir a comodidade experimentada na casa e cede aos desígnios dos patrões. O filho parece ser a paga, cobrada pelo casal, por proporcionar a ela sentimentos de ser a dona do apartamento na ausência dos dois, de ter uma vida relativamente confortável como aparenta neste trecho:

os dois viviam bem. Viajavam de tempos em tempos e quando regressavam, davam sempre festas. Ela gostava de trabalhar ali. Era tudo muito tranquilo, ficava sozinha tomando conta do apartamento. Cozinhava, passava, lavava, mas só para si. A casa parecia ser só dela. Um dia, quando divagava em seus sonhos de pretensa dona, o telefone tocou. Era a patroa que ligava do estrangeiro, em prantos e lhe pedia ajuda. [...] Ela e o marido já tinham conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco (EVARISTO, 2016, p. 47).

Durante a trajetória de vida de Natalina, antes de cada gravidez – até a terceira – ela estava radiante, feliz, aproveitava o momento. Fosse na adolescência na descoberta da sexualidade com namorado, com o Tonho nas noites de prazer ou até mesmo em sua própria companhia na solidão da residência do casal. São aquelas três primeiras gestações as responsáveis pela descontinuidade dos momentos de deleite de Natalina. Tal desassossego de nossa personagem reitera a maternidade como possibilidade de escolha e não como a realização de um sonho para todas as mulheres como tentam nos fazer acreditar desde meninas.

Somente o quarto filho de Natalina desperta nela o desejo pela maternidade, a felicidade e o amor à criança em seu ventre. Fruto de um estupro, aquela vida crescendo em seu âmago representa, agora, um filho somente dela e de mais ninguém. Ao assassinar seu algoz, Natalina impossibilita a ligação entre ela e qualquer outro além da criança. Ela “estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar

aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma” (EVARISTO, 2016, p. 50).

Na condição menos provável, a protagonista consegue se sentir mãe e desejar a maternidade. Apenas sozinha Natalina foi capaz de ansiar viver o amor na maternidade. Assim, a narrativa revela a ausência de pesar. Natalina sente a felicidade, recorda Sá Praxedes, mas não sofre pelas memórias das outras gestações quando entregou seus rebentos para os braços de outras mães e pais.

A impressão é a de que Natalina não tinha vontade de ser mãe de uma vida até pegar a arma do estuprador e matá-lo. Matar esse homem, supomos, significa romper o vínculo. Aquilo representou a cobrança da dívida a qual o estuprador teve com ela. Não deve vínculo emocional, não deve gratidão à mãe ou aos patrões. Ela mesma cobra a conta pelo estupro. Quando é violentada e fica no limiar entre a vida e a morte, ela reage e aí se liberta.

Nesse caso, a gravidez era o símbolo de sua libertação, não condicionada a padrões construídos por outros, mas por si mesma, por isso tinha significado para ela. E nas condições anteriores significava sujeição, exploração e vergonha, situações que ela não queria viver.

A proposta de Evaristo perpassa a libertação pela dor, o rompimento das convenções para outorgar à mulher negra uma narrativa própria, mesmo carregada de violência e cicatrizes, consagrando-lhe a tão sonhada liberdade que, ao fim e ao cabo, lhe conduz ao retorno, ao ponto de partida da narrativa colonial pautada na maternidade. Agora, porém, carrega um significado deslocado, visto que representa algo além das convenções: a quarta gravidez guardava mais do que a “satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem” (EVARISTO, 2016, p. 50).

Natalina é mãe da violência. A mulher que ela constrói do abuso. É mãe da solidão, porque ela se vê sozinha com o filho. Ao mesmo tempo é mãe da liberdade, pois não tem vínculo nenhum. Ser mãe, nesse sentido, é se criar, criar

uma nova vida, um novo momento a partir da violência, do trauma. Por isso afirmamos sua liberdade a partir do trauma. E talvez seja este aspecto importante do trauma: o filho que representava a violência, na verdade, passa a representar a libertação trazida pelo trauma.

Dessa trajetória de Natalina se evidencia que a mulher negra, em sua resistência particular, por considerar a sua luta diferente das mulheres brancas, necessitou criar seu próprio espaço em meio às diversas subordinações, exclusões e, por ser subjugada ante o poder que imperava, remoeu seu sentimento de desprezada em busca de sua possível emancipação nesse sistema.

5 POR FIM

As vozes contidas neste artigo auxiliam o estímulo ao debate de pensamentos a respeito dos subalternizados e do processo de decolonização, seja por meio da participação ativa acadêmica desses “silenciados” ou da problematização de teorias prontas produzidas por olhares externos aos dos “invisíveis”. Esses enfrentamentos são imprescindíveis para pensarmos a partir do olhar do colonizado, do subalternizado e por muito tempo relegado nesse processo reflexivo.

Conceição Evaristo, por meio da palavra, denuncia o poderio do sistema patriarcal. Ela evidencia também a busca pela emancipação da mulher negra e sua resistência frente a tal sistema incluindo em seu discurso questões como raça, classe social, heterossexismo e outras que afligem, há muito, essas mulheres.

Em suma, Conceição Evaristo rompe com o drama com o qual as audiências se identificam, no sentido de que ela se propõe a fugir de uma experiência de fantasia e se fixa em um exercício de autorreconhecimento. Em

seus contos, fica evidente o fato de a identidade negra ser atravessada por outras identidades como as de gênero e de orientação sexual.

Dessa forma, identidade para Evaristo pode ser compreendida como um lugar de se assumir. Os textos dela podem ser pensados como uma prática cultural fomentadora da diferença, pois escancaram aquilo que alguns preferem ignorar. Faz isso quando discute temas presentes no centro do debate político, cultural e social a respeito do racismo e outras formas de desrespeito internalizadas. Orientar os holofotes para a dor é, em Conceição Evaristo, a tônica da libertação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *O que significa elaborar o passado? Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 97-105.

GOMES, Nilma Lino. "Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira". In: SOUZA SANTOS, Boaventura de & MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez: 2010, p.

492-516. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LERMA, Betty Ruth Lozano. El feminismo no puede ser uno porque las mujeres somos diversas. Aportes a un mo negro decolonial desde la experiencia de las mujeres negras del Pacífico colombiano. *La manzana de la discórdia*, v. 5, nº 2, p. 7-24, Jul – Dez, 2010. Disponível: <https://glefas.org/download/biblioteca/feminismo-antirracismo/Betty-Ruth-Lozano-Lerma.-El-feminismo-no-puede-ser-uno-porque-las-mujeres-somos-diversas.pdf> Acessado em 05.04.2020.

MARTÍN, Rocío Medina. Feminismos periféricos, feminismos-otros: una genealogia feminista decolonial por reivindicar. *Revista internacional de Pensamiento Político - I Época*, v. 8, p. 53-79. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide, Sevilla 2013. Disponível: <http://glefas.org/download/biblioteca/estudios-descoloniales/Feminismos-perifericos-feminismos-otros.pdf>. Acessado em: 05.04.2020.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloísa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em 15/04/2020.

Aceito em 30/07/2020.